

## Índice

1 — As Gotas Que Caem	9
2 — A Carta de Amor do Rei Jorge	29
3 — A Partida de Bacará	45
4 — O Homem dos Dentes de Ouro	61
5 — As Doze Africanas de Béchoux	77
6 — O Acaso Faz Milagres	97
7 — Luvas Brancas... Polainas Brancas...	117
8 — Béchoux Prende Jim Barnett	139

# 1

## As Gotas Que Caem

A campainha da entrada do palacete que a baronesa Assermann ocupava no bairro de Saint-Germain soou. A criada apareceu rapidamente, trazendo um sobrescrito.

— Está lá em baixo um senhor que a senhora mandou vir às quatro horas.

A senhora Assermann abriu o sobrescrito e leu estas palavras impressas num cartão:

Agência Barnett & C.<sup>a</sup> — Informações gratuitas

— Leve esse senhor para a minha sala.

Valérie — a bela Valérie — como era conhecida há mais de trinta anos, valha-nos Deus! era uma pessoa forte e madura, ricamente vestida, habilidosamente pintada, que tinha conservado grandes pretensões. O seu rosto exprimia orgulho, por vezes dureza, frequentemente certa candura que não deixava de ter encanto. A crónica mundana censurava-lhe certas aventuras, um pouco escandalosas. Afirmavam mesmo que o seu marido tinha querido divorciar-se.

Ela passou primeiro pelo quarto do barão Assermann, homem de idade, pouco saudável, que crises cardíacas retinham na cama há semanas. Perguntou-lhe se se sentia melhor e, distraidamente, arranjou-lhe as almofadas, atrás das costas. Ele murmurou:

— Não bateram à porta?

— Sim — disse ela. — É aquele detective que me foi recomendado para o nosso assunto. Uma pessoa notável, segundo parece.

— Tanto melhor — disse o banqueiro. — Esta história preocupa-me e, embora tenha reflectido muito, não compreendo nada.

Valérie, que também tinha um ar inquieto, saiu do quarto e dirigiu-se para a sua pequena sala. Encontrou ali um sujeito estranho, de boa figura, ombros quadrados, de aspecto sólido, mas vestindo uma sobrecasaca preta, ou melhor, esverdeada, dum tecido que brilhava como a seda dum chapéu-de-chuva. A cara, enérgica e rudemente esculpida, era jovem, mas estragada por uma pele áspera, rugosa e vermelha. Os olhos fixos e trocistas por trás dum monóculo, que ele usava indiferentemente à esquerda ou à direita, animavam-se de uma alegria juvenil.

— Senhor Barnett? — disse ela.

Ele inclinou-se e, antes que Valérie pudesse retirar a mão, beijou-a, com um gesto desenvolto, seguido dum imperceptível estalido com a língua, como se apreciasse o sabor perfumado daquela mão.

— Jim Barnett para a servir, senhora baronesa. Recebi a sua carta e mal escovei o meu fato...

Perturbada, Valérie hesitou em pô-lo na rua, mas ele mostrava tal desenvoltura de grande senhor que conhece toda a cortesia mundana, que só pôde dizer:

— O senhor está habituado, segundo me disseram, a esclarecer casos complicados...

Ele sorriu com ar enfatuado:

— É, sobretudo, um dom que eu tenho. O dom de ver claro e de compreender.

A voz era doce, o tom imperioso, e em toda a sua atitude notava-se uma ironia discreta e ligeira zombaria. Parecia tão seguro de si e dos seus talentos, que não se podia deixar de sentir a influência da sua convicção, e Valérie sofreu o ascendente daquele desconhecido, simples detective, chefe duma agência privada. Desejando tirar uma certa desforra, insinuou:

— É talvez preferível fixar... as condições...

— Absolutamente inútil — declarou Barnett.

— Com certeza — e ela sorriu por sua vez — o senhor não trabalha por amor à arte?

— A Agência Barnett é inteiramente gratuita, senhora baronesa.

Ela pareceu contrariada.

— Preferia que o nosso acordo previsse pelo menos uma gratificação, uma recompensa.

— Uma gorjeta — escarneceu ele. Ela insistiu:

— Eu não posso...

— Ficar minha devedora? Uma mulher bonita nunca é devedora de alguém.

E imediatamente, sem dúvida para corrigir um pouco o atrevimento desta frase, acrescentou:

— Além disso, nada receie, senhora baronesa. Seja quais forem os serviços que lhe possa prestar, arranjar-me-ei de maneira a ficarmos pagos.

Que significavam aquelas palavras obscuras? O indivíduo tinha a intenção de se pagar por suas mãos? E de que natureza seria o pagamento?

Valérie teve um estremecimento de mal-estar e corou. Realmente, o senhor Barnett suscitava nela uma confusa inquietação, que não deixava de ter certa analogia com os sentimentos que se experimentam perante um ladrão. Ela pensava também... meu Deus, sim... ela pensava que talvez se tratasse dum apaixonado, que teria escolhido aquele modo original de se introduzir na sua casa. Mas como saber? E, em qualquer caso, como reagir? Estava intimidada e dominada, ao mesmo tempo confiante e disposta a submeter-se, fosse qual fosse o resultado. E assim, quando o detective a interrogou sobre as causas que a tinham levado a pedir o auxílio da Agência Barnett, falou sem rodeios e sem preâmbulos, como ele exigia que fizesse. A explicação não foi longa: o senhor Barnett parecia apressado.

— Foi no penúltimo domingo. Eu tinha reunido alguns amigos para o *bridge*. Deitei-me relativamente cedo e adormeci como de costume. O ruído que me acordou por volta das quatro da manhã

— exactamente às quatro e dez — foi seguido de outro, que me pareceu ser o de uma porta que se fecha. Vinha da minha sala.

— Quer dizer, daqui? — interrompeu Barnett.

— Sim. Esta sala comunica, por um lado, com o meu quarto (Barnett inclinou-se respeitosamente na direcção indicada) e, por outro, com o corredor que nos leva à escada de serviço. Não sou medrosa. Esperei um momento e, em seguida, levantei-me.

Novo cumprimento do senhor Barnett, perante esta visão da baronesa saltando da cama.

— Portanto — disse ele —, levantou-se?...

— Levantei-me, entrei aqui e acendi a luz. Não havia ninguém, mas esta pequena vitrina estava caída com todo os objectos, bibelôs e estatuetas que contém, alguns partidos. Dirigi-me para o quarto do meu marido, que lia na cama. Não tinha ouvido nada. Muito inquieto, tocou a campainha para chamar o mordomo, que começou imediatamente as investigações, recomeçadas logo de manhã pelo comissário da polícia.

— E o resultado? — perguntou Barnett.

— Foi o seguinte: não se encontrou qualquer indício nem para a entrada nem para a saída do indivíduo. Como é que entrou? Como saiu? Mistério. Mas descobriram, debaixo dum tamborete, entre os cacos dos bibelôs, metade duma vela e um furador com cabo de madeira, muito sujo. Ora nós sabíamos que na tarde anterior um canalizador tinha vindo arranjar as torneiras do lavatório do meu marido, na sua casa de banho. O patrão foi interrogado e reconheceu o utensílio e, na loja dele, foi encontrada a outra metade da vela.

— Portanto — interrompeu Jim Barnett —, por esse lado há uma certeza?

— Sim, mas contrariada por outra certeza tão indiscutível e verdadeiramente desconcertante. O inquérito provou que o operário tinha tomado o rápido de Bruxelas à seis da tarde e que chegara lá à meia-noite, portanto três horas antes do incidente.

— Estranho! E esse operário voltou?

— Não. Perderam-lhe a pista em Antuérpia, onde ele gastava dinheiro sem contar.

- E é tudo?
- Tudo, absolutamente.
- Quem tomou conta deste caso?
- O inspector Béchoux.

Barnett manifestou grande alegria.

— Béchoux? Ah! O grande Béchoux! Um dos meus bons amigos, senhora baronesa. Temos trabalhado muitas vezes juntos.

— Foi ele, de facto, que me falou da Agência Barnett.

— Provavelmente porque não conseguia qualquer resultado não é verdade?

— Sim, é certo.

— Esse bom Béchoux! Que prazer terei em lhe prestar um serviço!... assim como a si, senhora baronesa, acredite. Sobre tudo a si!...

O senhor Barnett dirigiu-se para a janela, onde apoiou a testa e ficou alguns instantes a reflectir. Tamborilava com os dedos no vidro e assobiava um pequeno trecho de música. Por fim, voltou para junto da senhora Assermann e recomeçou:

— A opinião de Béchoux e a sua, minha senhora, é de que houve uma tentativa de roubo. Não é verdade?

— Sim, uma tentativa falhada, já que nada desapareceu.

— Admitamos que assim fosse. Em todo o caso, esta tentativa tinha certa finalidade, que a senhora deve conhecer. Qual?

— Ignoro — replicou Valérie, após ligeira hesitação.

O detective sorriu.

— Permite-me, senhora baronesa, que encolha respeitosamente os ombros?

E, sem esperar a resposta, estendendo um dedo irónico para uma das tapeçarias que enquadravam o toucador, perguntou, como se pergunta a uma criança que escondeu qualquer coisa:

— O que há debaixo desta tapeçaria?

— Mas... nada — respondeu ela, atrapalhada... — O que quer dizer?

O senhor Barnett volveu em tom grave:

— Isto quer dizer que a mais sumária das inspecções permite verificar que as margens deste rectângulo de tapeçaria estão um